319. Já tendo o Espírito vivido a vida espírita antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos?

“*Isso só se dá no primeiro momento e é efeito da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, ele se vai inteirando da sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrena se lhe apaga.*” (Nos 163 e seguintes.)

É semelhante ao despertar de um sono profundo. Todos nós quando dormimos por muitas horas, ao despertarmos levamos alguns minutos para recobrar por completo nossas faculdades.

Uma outra comparação que podemos fazer é quando viajamos para outro país. Ao chegarmos lá, estranhamos o fuso horário, a comida, o idioma. Ainda que tenhamos ido por diversas vezes àquele país, sempre é necessário um tempo de adaptação ao novo ambiente.

Vale lembrar que, o grau de espiritualização da pessoa, o modo como ela viveu e, principalmente, como desencarnou, podem aumentar ou diminuir o espanto que o Espírito tem ao reingressar no mundo espiritual.

**COMEMORAÇÃO DOS MORTOS . FUNERAIS**

320. Sensibiliza os Espíritos o lembrarem-se deles os que lhes foram caros na Terra?

“*Muito mais do que podeis supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo.*”

Importante nós observarmos aqui que, Kardec refere-se às lembranças de pessoas queridas ao Espírito desencarnado. Não se trata de lembranças de qualquer pessoa; Kardec se refere aos pensamentos emanados daqueles que possuem vínculo afetivo com o Espírito desencarnado.

E a Espiritualidade responde que, nossos pensamentos a respeito de amigos ou entes queridos que nos precederam no retorno ao mundo maior, exercem uma influência no desencarnado, muito maior do que nós podemos imaginar.

E ainda diz que, se o desencarnado é um Espírito feliz, nossos pensamentos podem lhe aumentar a felicidade; se é um Espírito infeliz, nossos pensamos podem consolá-lo.

Sabemos que muitas vezes, a simples lembrança de uma pessoa que já desencarnou, pode fazer um bem muito grande ao Espírito porque ele se sente amado, sente que alguém se lembra dele, se preocupa com ele.

Por isso, é sempre uma boa prática de nossa parte, endereçar bons pensamentos às pessoas queridas que já desencarnaram. Como a Espiritualidade disse à Kardec, esses pensamentos fazem ao Espírito, um bem muito maior do que podemos imaginar.

De maneira semelhante, devemos conter nossos pensamentos se eles são carregados de tristeza, de revolta, de inconformação, porque esses pensamentos podem fazer muito mal ao Espírito a quem são endereçados.

321. O dia da comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais solene do que os outros dias? Apraz-lhes ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

“*Os Espíritos acodem nesse dia ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer.*”

Kardec quer saber se o Dia de Finados é um dia especial para os desencarnados, se nesse dia eles estão mais dispostos a ir ao encontro das pessoas que, daqui da Terra, direcionam a eles seus pensamentos.

A Espiritualidade esclarece que não, não há nada de especial no Dia de Finados; que em qualquer dia em que direcionarmos um chamado a um Espírito desencarnado, esse Espírito irá nos atender.

Mais uma vez vale lembrar que, não basta nós chamarmos um Espírito em pensamento para que ele venha até nós. Há uma série de fatores envolvidos nessa questão. Por exemplo: o Espírito se encontra numa condição que o permita ter contato conosco? Esse encontro será útil para nós e para ele? O encontro pode causar perturbação a alguém? Nós e o Espírito possuímos mérito para que o encontro aconteça?

Se essas condições forem satisfeitas, então o Espírito poderá vir até nós se assim o pedirmos em pensamento. Mas a Espiritualidade nos diz que isso pode acontecer em qualquer dia e não apenas no Dia de Finados.

a) — Mas o de finados é, para eles, um dia especial de reunião junto de suas sepulturas?

“*Nesse dia, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque então também é maior, em tais lugares, o das pessoas que os chamam pelo pensamento. Porém, cada Espírito vai lá somente pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.*”

Nessa pergunta Kardec enfatiza sua dúvida sobre se o Dia de Finados tem maior significância para os Espíritos no sentido de se comunicarem conosco.

E a Espiritualidade responde que, só existem mais Espíritos desencarnados nos cemitérios no Dia de Finados, porque ali também se encontra um número maior de pessoas.

E reafirma que, a presença de um Espírito no cemitério ou outro local de sepultamento no Dia de Finados, se dá exclusivamente pela força do pensamento das pessoas amigas e queridas daquele Espírito. Não é o maior número de pessoas que motiva o Espírito a atender ao chamado dos encarnados.

b) — Sob que forma aí comparecem e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?

“*Sob a que tinham quando encarnados.*”

Embora tanto a pergunta quanto a resposta sejam bem claras e objetivas, há uma questão que vale a pena comentar.

O Espírito propriamente dito não é visível; o seu perispírito que é. Se nos recordarmos das perguntas 93, 94 e 95 aqui mesmo de O Livro dos Espíritos, lembraremos que o perispírito é de natureza maleável e pode, eventualmente, ser moldado de acordo com a vontade do Espírito.

O peripírito pode também sofrer alterações que não sejam decorrentes da vontade do Espírito, alterações causadas por doenças ou danos provocados ao corpo físico - como nos casos de suicídio - ou ainda devido à animalização do Espírito, como os exemplos apresentados nas obras de André Luiz.

Assim, ao atender ao chamado ou às preces direcionadas a ele no Dia de Finados, o Espírito pode ajustar seu perispírito à aparência que tinha em sua última existência, ou pode acontecer que ele se mostre com o perispírito alterado pelas condições citadas acima.

No caso dos Espíritos mais evoluídos, esses têm a capacidade de ajustar seu perispírito para a forma que quiserem. O mais provável é que eles se mostrassem com a aparência através da qual seriam mais facilmente reconhecidos por nós.

Então, entendo que na resposta dada à Kardec, a Espiritualidade refere-se aos Espíritos de condição evolutiva mediana.

322. E os esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, também lá, não obstante, comparecem e sentem algum pesar por verem que nenhum amigo se lembra deles?

“*Que lhes importa a Terra? Só pelo coração nos achamos a ela presos. Desde que aí ninguém mais lhe vota afeição, nada mais prende a esse planeta o Espírito, que tem para si o Universo inteiro.*”

Kardec quer saber se os Espíritos a quem ninguém endereça um pensamento no Dia dos Mortos também vão às necrópoles. e, em indo, se causa neles alguma dor o fato de que ninguém se lembrou deles.

A resposta da Espiritualidade precisa ser analisada com cuidado. Num primeiro momento, ela pode nos fazer pensar que todos os Espíritos são livres para irem a qualquer canto do universo que desejem. Afinal de contas, a Espiritualidade diz '*nada mais prende a esse planeta o Espírito, que tem para si o universo inteiro*'.

Porém, sabemos que somente Espíritos elevados podem ascender a mundos superiores. Em contrapartida, é pouquíssimo provável que, um Espirito elevado que tenha vivido aqui na Terra, não tenha absolutamente ninguém que se lembre dele no Dia dos Mortos.

A tendência é que aconteça o contrário: muitas pessoas se lembrarão daquele Espírito com gratidão, com saudade, com alegria.

O que a Espiritualidade provavelmente quis dizer é que, se um Espírito já não se encontra mais vinculado afetivamente a ninguém aqui na Terra, ele poderá ir a outros mundos aos quais tenha acesso e lá dar continuidade à sua jornada evolutiva.

323. A visita de uma pessoa a um túmulo causa maior contentamento ao Espírito, cujos despojos corporais aí se encontrem, do que a prece que por ele faça essa pessoa em sua casa?

“*Aquele que visita um túmulo apenas manifesta, por essa forma, que pensa no Espírito ausente. A visita é a representação exterior de um fato íntimo. Já dissemos que a prece é que santifica o ato da rememoração. Nada importa o lugar, desde que é feita com o coração.*”

Kardec quer saber se a visita que uma pessoa faça ao túmulo de um desencarnado é mais benéfica ao Espírito do que a prece a ele direcionada estando a pessoa em sua casa.

O que a Espiritualidade responde aqui vai ser posteriormente explicado em detalhes pelo próprio Allan Kardec lá no Evangelho Segundo, no capítulo XVIII - Pedi e obtereis.

A Espiritualidade explica que, o que de fato importa ao Espírito desencarnado, são os bons pensamentos a ele endereçados pela pessoa que dele se lembra. O lugar onde a pessoa se encontra, pouco importa.

É claro que, se a presença junto ao túmulo tem a capacidade de potencializar os bons pensamentos da pessoa que se lembra do desencarnado, então ali será um local mais propício para as preces.

Essa é uma condição natural para a prece: é mais fácil nós elevarmos nossos pensamentos em um local tranquilo e silencioso do que em ambientes ruidosos e tumultuados.

Mas não podemos deixar de orar se não estivermos em um local que facilite a oração. Vamos dar um exemplo simples: suponha que eu esteja no ônibus lotado, em meio a um trânsito barulhento e caótico e recebo a mensagem que uma pessoa querida sofreu um acidente grave e está internada correndo risco de morrer.

Eu vou deixar de orar por essa pessoa só porque não estou em um ambiente favorável à oração? De jeito nenhum: posso e devo orar pela pessoa imediatamente. Depois, quando eu estiver em casa, no silêncio do meu quarto, posso orar novamente em condições mais adequadas, mas não devo prescindir da prece enquanto eu ainda estou no ônibus.

Tem ainda uma questão que corrobora a resposta da Espiritualidade nessa pergunta. Os funerais são um dos compromissos sociais aos quais muitas vezes nós atendemos por mera obrigação.

Vamos ao enterro de um vizinho ou de alguém que conhecíamos só porque, se não formos, vai pegar mal. E assim como eu, várias outras pessoas ali se encontram meramente por obrigação.

O resultado disso todos nós conhecemos: nós temos grupos de pessoas conversando, contando casos e até mesmo rindo, como se estivessem em uma festa e não em um funeral.

Se o Espírito cujo corpo ali está sendo velado e será sepultado tiver condições de presenciar seu próprio funeral, que impacto o meu desrespeito terá sobre ele? Certamente será muito desagradável e poderá abalar muito o Espírito.

Então, de que adianta eu estar ali, ao lado do caixão ou ao lado do túmulo, se na prática eu não lamento nem me importo com o retorno daquele irmão ou irmã ao Mundo Espiritual? Seria melhor que eu nem mesmo tivesse ido pois assim meu desrespeito não seria visto e percebido pelo desencarnado.

Por isso a Espiritualidade afirmou a Kardec: o lugar pouco importa. Interessa mesmo são os pensamentos que expressem afeto e respeito pelo Espírito desencarnado.

324. Os Espíritos das pessoas a quem se erigem estátuas ou monumentos assistem à inauguração de umas e outros e experimentam algum prazer nisso?

“*Muitos comparecem a tais solenidades, quando podem; porém, menos os sensibiliza a homenagem que lhes prestam, do que a lembrança que deles guardam os homens.*”

Mais uma vez a Espiritualidade enfatiza que os sentimentos prevalecem sobre a forma. Para o Espírito sendo homenageado com o erguimento de uma estátua ou monumento, esse evento só lhe trará alguma felicidade, se as pessoas responsáveis por aquela iniciativa, assim como as pessoas presentes no evento, tiverem bons sentimentos, boas lembranças, bons pensamentos com relação ao homenageado.

A não ser assim, diz a Espiritualidade, a homenagem nenhum bem fará ao Espírito.

325. Qual a origem do desejo que certas pessoas exprimem de ser enterradas antes num lugar do que noutro? Será que preferirão, depois de mortas, vir a tal lugar? E essa importância dada a uma coisa tão material constitui indício de inferioridade do Espírito?

“*Afeição particular do Espírito por determinados lugares; inferioridade moral. Que importa este ou aquele canto da Terra a um Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá às dos que lhe são caros, embora fiquem separados os seus respectivos ossos?*”

Num primeiro momento a resposta da Espiritualidade pode parecer um pouco dura. Afinal de contas, todos nós temos preferências por certos lugares.

Pessoas que são de uma determinada cidade e mudam-se para outra, quando percebem que a morte está próxima, costumam manifestar o desejo de que seu corpo seja enterrado em sua cidade natal.

Isso é natural já que a pessoa tem em sua cidade natal, amigos, familiares e lembranças felizes de sua vida. A ideia que a pessoa tem é que, se seu corpo for enterrado ali, todas as boas coisas, todas as boas lembranças serão eternizadas.

O que a Espiritualidade responde a Kardec é que isso denota um traço de inferioridade, porque a pessoa ainda deposita na matéria expectativas de felicidade que, de fato, só podem ser alcançadas através de questões espirituais.

O Espírito é livre. Ele pode ir aos lugares que lhe agradam, que lhe trazem boas lembranças; pode visitar pessoas que lhe são caras, bastando para isso sua vontade. Não é necessário que seu corpo ali esteja enterrado.

É essa falta de entendimento que a Espiritualidade chama de inferioridade moral.

a) — Deve-se considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família?

“Não; é um costume piedoso e um testemunho de simpatia que dão os que assim procedem aos que lhes foram entes queridos. Conquanto destituída de importância para os Espíritos, essa reunião é útil aos homens: mais concentradas se tornam suas recordações.”

Kardec aqui está se referindo à prática que as famílias têm de sepultar os corpos de seus membros no mesmo túmulo ou em túmulos próximos. Ele pergunta se esse é um hábito fútil e a Espiritualidade responde que não, que trata-se de uma demonstração de piedade e simpatia para com as pessoas da família que já retornaram ao Mundo Espiritual.

A Espiritualidade também diz que, a prática em si não exerce nenhuma influência sobre os Espíritos cujos corpos ali se encontram enterrados. Mas, como esse costume estimula as boas recordações que os encarnados têm em relação aos desencarnados, então é algo que acaba se tornando benéfico aos desencarnados pois serão lembrados com mais respeito e afeto.

326. Comovem a alma que volta à vida espiritual as honras que lhe prestem aos despojos mortais?

“Quando já ascendeu a certo grau de perfeição, o Espírito se acha escoimado de vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Porém, ficai sabendo, há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o pouco caso que façam de seus envoltórios corporais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos desse mundo.”

Aqui nós temos que prestar atenção na pergunta de Kardec: ele está se referindo às honras prestadas ao Espírito através de seus restos mortais. Kardec não está se referindo aos bons pensamentos, às boas lembranças ou ao afeto devotado à pessoa. Ele fala de honras.

Por isso que a Espiritualidade responde que, se se trata de um Espírito livre das vaidades terrenas, essas honras de nada servirão.

Mas, em se tratando de um Espírito que ainda traz em si os traços da vaidade, essas honras causam muito prazer a ele, principalmente nos primeiros momentos após o seu desencarne.

Em contrapartida, a pouca importância ou mesmo o desprezo com os restos mortais, podem aborrecer o Espírito. Esse aborrecimento estará na proporção do orgulho e da vaidade que o Espírito ainda traz consigo.

327. O Espírito assiste ao seu enterro?

“*Freqüentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa.*”

Eu fiquei bastante curioso com a resposta dada pela Espiritualidade pelo seguinte motivo: pelo o que conhecemos através da literatura Espírita, a grande maioria de nós, nos instantes que sucedem ao desencarne, se encontra em uma espécie de sono.

Somente Espíritos elevados tomam consciência imediata que desencarnaram. Não experimentam nenhuma perturbação por causa disso e rapidamente readaptam-se ao Mundo Espiritual.

Para a grande maioria de nós, se faz necessário algum tempo para entender e aceitar o fato de que já não vivemos mais em um corpo de carne.

Esse tempo varia de acordo com uma série de fatores: o modo de vida que a pessoa teve quando encarnada (espiritualizado ou materialista), se a vida física extinguiu-se gradativamente por uma doença ou se ela foi interrompida bruscamente por acidente, assassinato ou suicídio e por aí vai.

Seja como for, quando o enterro acontece, pouco tempo se passou desde a morte. Então, é de se esperar que o Espírito ainda esteja no período de readaptação ao Mundo Espiritual, o que teoricamente não permitiria a ele assistir ao próprio enterro.

Eu até pensei que a resposta da Espiritualidade estivesse de acordo com as tradições dos funerais da França na época em que O Livro dos Espíritos foi publicado.

Porém, fiz uma pesquisa e vi que os funerais daquela época eram bem fiéis às tradições católicas, o que significa que não eram muito diferentes dos funerais dos dias de hoje.

Alguns funerais poderiam durar até uma semana, dependendo do tempo necessário para reunir os familiares e também da condição financeira da família do morto.

Mas no geral o enterro acontecia entre 24 e 48 horas após a morte, então a resposta da Espiritualidade não foi baseada em costumes da França àquela época.

Então, embora possa parecer estranho, geralmente podemos estar presentes ao nosso enterro, embora muitas vezes não tenhamos condições de compreender o que se passa.

a) — Lisonjeia-o a concorrência de muitas pessoas ao seu enterramento?

“*Mais ou menos, conforme o sentimento que as anima.*”

Mais uma vez a Espiritualidade afirma que, o que realmente importa ao Espírito é a natureza dos pensamentos e sentimentos que as pessoas têm para com ele.

Um funeral onde haja dezenas de pessoas que realmente não se importam com o morto, nenhum benefício trará ao Espírito. Pelo contrário: pode causar perturbação a ele. Foi o que eu comentei antes sobre comparecer aos funerais por obrigação, apenas para atender a um compromisso social.

O Espírito sabe que o que nos levou ao enterro de seu corpo foi meramente uma obrigação; que não estamos ali por afeto ou preocupação com ele.

Nesse caso, nossa presença ali poderá ser prejudicial ao Espírito.

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?

“*Quase sempre. Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam.*

*Todos os sentimentos se lhe patenteiam e a decepção que lhe causa a rapacidade dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos.*

*Chegará, porém, a vez dos que lhe motivam essa decepção.*”

Pela resposta da Espiritualidade, ficamos com a impressão de que Kardec pensou em uma pergunta e acabou formulando outra.

Isso porque ele apenas perguntou se o Espírito pode presenciar a reunião de seus herdeiros. Kardec não especificou a natureza dessas reuniões, mas a resposta da Espiritualidade é dura, direta, incisiva e abrange a grande maioria dos casos de divisão de bens em heranças, ou seja, aquelas onde há discórdia e disputas.

Os amigos Espirituais dizem que, presenciar tais reuniões é como um castigo para o Espírito que partiu. Ao perceber as brigas, os atritos, as exigências que os familiares promovem em função da herança, o Espírito desencarnado sofre e tem a oportunidade de refletir sobre como acumulou os bens em vida e se educou corretamente os seus para que soubessem respeitar-se uns aos outros - e a ele próprio - no momento da partilha.

A tristeza e a decepção que decorrem dessa dura constatação servem como lição ao desencarnado, que compreende que deveria ter deixado aos descendentes tesouros e riquezas espirituais.

Claro que, nem sempre aquele que deixou a herança pode ser responsabilizado pela inconsequência dos herdeiros. Certamente que há exceções. Porém, na maioria das vezes, o esforço para o acúmulo de riquezas de ordem material empreendido pela pessoa, acaba deixando também como herança, a ganância e o apego às coisas materiais.

Mas a Espiritualidade esclarece que o momento de sofrimento, reflexão e aprendizado vai chegar também para aqueles que hoje se entregam às disputas ferrenhas e geralmente cheias de ódio.

329. O instintivo respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?

“*É a conseqüência natural dessa intuição. Se assim não fosse, nenhuma razão de ser teria esse respeito.*”

Se o homem não trouxesse em si a ideia inata da continuação da vida, não haveria nenhum motivo para cultuar os mortos.

Embora sejam bastante diversas as ideias como as civilizações concebem a vida após a morte, todas elas têm em si esse ponto em comum: que algo existe, sobrevive além da morte do corpo. Mais do que isso: que o ser sobrevivente é passível de receber aquilo que os que ainda permanecem "vivos" dedicam a eles.

Podemos dizer que, a ideia da continuidade da vida é tão inata em nós quanto é a ideia da existência de Deus.